

1905

Nasce no dia 27 de dezembro, em Pianacci, Villa Collemandina (Garfagnana, Província de Lucca)¹, na Toscana (Itália). É o primogênito de cinco irmãos, filho de Maria Albina Bimbi de Castiglione e Vittorio Derciso Pennacchi dei Capitani. Descende de uma família de antiga ascendência lombarda, católica e monárquica, tradicionalmente ligada ao Direito e às Artes, classificada, nos livros paroquiais de nascimento e morte, como "possidenti" (proprietários) e "liberi domini" (senhores livres).

Na Garfagnana aonde o principal ramo da família Pennacchi chegou com ou em seguida das invasões lombardas, existe um registro extraído do "Notulario n.º. 46, tomo 3, pág. 212 do Spedale dei San Luca de Lucca" datado de 24.01.1291. Tal registro dá conta que certo "Sabatino Pennaccij, "lucchese", letrado e rico proprietário de San Martino em Villa Collemandina toma posse de nova propriedade que contém: casa senhoril com alicerces, jardins, átrio e peristilo, horta, pomaredo, granais, terras, bosques, vinhedos, castanhais, etc. que já havia sido de propriedade dos Porcari".

A destruição ou até a inexistência de documentos nos obriga a um salto de 112 anos, quando em 1403, nasceu Benedetto Pennaccij, ao qual pudemos traçar nossa descendência de filho para pai de forma ininterrupta desde o início do século XV até os nossos dias.

O uso do brasão de armas que ora ostentamos veio muito depois; foi concedido a "Messer" Giovanni Maria Pennacchi em 1767 conforme atesta a "Raccolta Bonacina", inserida no "Livro de Ouro" dos ducados Estenses, guardados na Contrada de Santa Margherita, "al segno della croce d'oro".

¹ Garfagnana localiza-se entre os Alpes Apuanos e Apeninos. Lucca e Garfagnana compõem a Lucchesia, hoje parte da Toscana. Villa Collemandina é uma das 16 comunas que compõe a Garfagnana.

Durante a infância, recebe sólida educação religiosa. Mostra-se desde cedo um hábil desenhista. Realiza estudos elementares em Castiglione di Garfagnana e Pisa, onde conclui os estudos secundários.

1924/27

Em Lucca, estuda no Regio Istituto d'Arte "Augusto Passaglia" (atual Istituto Superiore Artistico "Augusto Passaglia").

Durante o período acadêmico, realiza, na terra natal, algumas pinturas murais a têmpera. Na primeira - residência Valerio Pennacchi dei Notari em Pianacci - executa um grande friso (cerca de 60 cm de altura), representando *O Triunfo de Baco e Ariadne*, composto de figuras diáfanas de colorido quase transparente. O tema é inspirado no poema de mesmo nome, escrito por Lorenzo de' Medici, o Magnífico. Na sala de jantar, um segundo friso de folhas de louro e acanto emoldurava o brasão da família. Na segunda residência - Aladino Giannotti - decorou a sala das armas com uma cena de caça retratando o proprietário e vários exemplares da fauna local. As pinturas murais na residência Giannotti foram conservadas.

Existem inúmeros desenhos e pinturas a óleo realizadas durante o período acadêmico. Sobreviveram cerca de 30 dessas obras na residência de Nello Pennacchi, irmão do artista. As referências sobre o artista na Itália fazem eco ao seu sucesso no Brasil, pois nascido em 1905, imigrou para o Brasil em 1929 e aqui permaneceu até seu falecimento em 1992. Durante os 63 anos de vida brasileira visitou a Itália apenas duas vezes.

1928

Em julho, diploma-se no Regio Istituto d'Arte "Augusto Passaglia", obtendo a Licença do Curso Superior de Belas-Artes na seção mural, agraciado com o diploma de honra. Seu último professor e o mais decisivo nesse momento de formação é o pintor Pio Antonio Semeghini (1878-1964), um verdadeiro poeta da luz, que apesar de seduzido pela Paris pós-impressionista era capaz de reinventar sua memória sem o perigo do plágio. Semeghini lhe abriu o espírito para a compreensão da grande arte primitiva italiana e apresentou-lhe a nova arte marcada pelo movimento do "Retorno

a Ordem”. Daí ser seu aprendizado é fortemente marcado pelo estudo rigoroso do desenho e da composição. Pode então desenvolver sua capacidade de contemplação penetrante que se transmutava em uma imagem firme e precisa sem nenhum sinal de fadiga ou incertezas.

Quando, ao final de 1928, Semeghini retira-se para assumir a cátedra de “Figura e copia dal vero di animali” na ISIA - Istituto Superiore per le Industrie Artistiche, na Villa Real di Monza, cargo que ocupará até 1939²; Pennacchi assume sua cadeira na instituição que estudara.

Um pouco mais adiante Semeghini inspirou também muitos jovens pintores italianos quando, em reação à temporada prevalentemente classicista do início do “Novecento”, nasce em Milão no início dos anos 1929//30, um movimento neo-romântico que será chamado de “chiarismo³”, que terminará por volta de 1940.

1929

Desiludido com os caminhos do fascismo local⁴, Fulvio Pennacchi e alguns parentes próximos decidem imigrar para o Brasil. Partem de Genova em 14 de junho chegando a Santos em 05 de julho, transferindo-se para São Paulo no mesmo dia. Aqui já viviam seus dois irmãos - Bruno no Rio Grande do Sul e Caetano Giuseppe em Espírito Santo do Pinhal - e outros parentes que no final do século XIX haviam comprado terras no Sul de Minas (Monte Sião, Ouro Fino, Jacutinga, Borda da Mata, etc.). Quando de sua chegada, aqueles parentes já eram grandes plantadores de café, empregando como mão de obra aquela dos imigrantes italianos. Durante a década de 1910, Pennacchi Luigi, também ele Pennacchi de Villa Collemandina, recebera o título de “Coronel” da Guarda Nacional e era juntamente com Julio Bueno Brandão (1858-1931), líder regional do Partido Republicano Mineiro.

² CORTENOVA, Giorgio; BUTTURINI, Francesco. *Pio Semeghini*. Milano: Electa, 1998.

³ Termo cunhado por Leonardo Borgese em 1935 e sucessivamente codificado por Guido Piovene como uma pintura clara e leve e de grande harmonia de cores em oposição aos densos e pesados claro-escuros dos pintores do primeiro “Novecento”.

⁴ Fulvio e todos os Pennacchi's da Garfagnana são forçados ao exílio devido à oposição à política fascista local.

Mantém, desde a chegada, e até 1932, intermitentemente, um diário, no qual comenta, sobretudo, suas relações profissionais, mas também as observações de um recém-chegado numa terra estrangeira⁵.

Instala-se na pensão Baião, à Rua Dom José de Barros nº 30, próximo à Praça da República; logo em seguida, muda-se para a Rua Santo Antônio, no bairro da Bela Vista.

Ainda em julho, é apresentado ao escultor Galileo Emendabili (1898-1974), com quem trabalhará mais tarde.

Como forma de contornar as dificuldades econômicas que assolam o país - Crise do Café - trabalha esporadicamente como pintor de frisos e decorador. Vende alguns desenhos em bico-de-pena, quadros a óleo de pequeno formato e almofadas pintadas. Os desenhos para uma capela no bairro do Belém, apesar de apreciados, finalmente não são executados.

Executa exercícios publicitários e estudos decorativos para trabalhos comerciais.

Trabalha na oficina do escultor Antelo Del Debbio (com quem estudou em Lucca). Numa empreitada artístico-comercial, desenvolvem projetos de monumentos, alguns deles funerários, desenhos para esculturas, moldes de almofadas e moedas comemorativas. Entre os primeiros trabalhos em parceria, Pennacchi modela, desenha e executa aquarelas a partir de maquetes para concursos, como o “Monumento a Ramos de Azevedo”, “Monumento a Campos Salles” (os dois ganhos por Galileo Emendabili) e a medalha a Júlio Prestes. Em nenhum deles são bem-sucedidos.

1930

Vende cópias em gesso dourado da medalha de Júlio Prestes. Trabalha por um curto período na União dos Refinadores, no Brás.

⁵ O “Diário” foi traduzido em português por Mariarosaria Fabris e foi publicado no catálogo-livro “Pennacchi – 100 Anos”, editado pela Pinacoteca do Estado de São Paulo por ocasião da retrospectiva do artista (2006).

Filia-se ao Partido Fascista de São Paulo.

Em junho, muda-se para a Rua 13 de Maio, 12^A.

Anulado o primeiro concurso para o “Monumento a Campos Salles”, segundo o júri, devido à má qualidade dos projetos, trabalha com Del Debbio em uma segunda maquete, para a qual executa os desenhos para a decoração de uma pequena cúpula. Perdem mais uma vez. No mesmo período, estuda reclames com poesia.

1930/1935

Pinta as "Cenas da vida de São Francisco" e a série "Obras de Misericórdia Corporais e Espirituais", cada uma delas representadas simbolicamente em uma pintura.

1931

Busca o Consulado Italiano para a repatriação, que finalmente não se realiza.

Na Semana Santa, executa uma Virgem, de perfil, com o filho no colo (*Nossa Senhora das Laranjeiras*), que acredita ser a “coisa mais bonita que fez até aquele momento”. A pintura é ofertada a Faliero Del Debbio (pai de Antelo).

Executa, para Antelo Del Debbio, desenhos para o concurso de uma estátua e um monumento a Santo Antônio do Pari, além de quatro cartazes publicitários para uma campanha de ajuda aos leprosos. Mais uma vez não são bem-sucedidos.

Procura, sem êxito, encomendas de pinturas publicitárias em cinematógrafos da cidade e trabalha em cartazes publicitários para os Pneus Pirelli (não realizados).

Em busca de uma renda mais constante, aluga, em setembro, em parceria com o irmão Beppe, o imóvel de Helio Gori, seu último endereço, e abre um açougue, “Boi de Ouro”, para o qual cria um logotipo empregado em *flyers* de divulgação.

Pinta dois painéis a óleo nas paredes laterais do estabelecimento: um composto apenas de bois; o outro, com ovelhas e cabras. O sócio desiste e Antonio Gioia

Miglioni compra a parte restante. Pennacchi vende o açougue logo depois da Revolução de 32, apesar de outro irmão continuar a atividade em outro endereço⁶.

Não se pode dizer que foi um açougueiro, visto que se ocupava, sobretudo, da administração e entrega das carnes. Este é um aspecto sublinhado quando se menciona o lado proletário dos integrantes do Grupo Santa Helena. O crítico Paulo Mendes de Almeida⁷, muito mais preocupado em corroborar a tese dos “pintores proletários” usou uma hiperbólica frase àquele respeito: “... ele (Pennacchi) ia distribuir carne aos fregueses, escanchado numa motocicleta fajuta⁸”. Nada poderia ser mais irreal; não é um assunto suficientemente importante para uma longa discussão, porém a família Fulvio Pennacchi tem fotos da “motocicleta fajuta” e aquelas não correspondem à descrição.

Outros erros macroscópicos dizem respeito ao “Grupo do Santa Helena” e ao completo esquecimento de Pennacchi, sua formação, obra e contribuição muitas vezes atestada pelo próprio Rebolo. Diz Mendes de Almeida:

⁶ Depoimento do artista a Luís Ernesto Kawall (“O açougue ‘Boi de Ouro’ de Fulvio Pennacchi”, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 dez. 1979).

⁷ Paulo Mendes de Almeida Paulo Mendes de Almeida (1905-1986) foi um jurista, poeta e crítico de arte brasileiro. Formado em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco, foi procurador do Estado até sua aposentadoria. Porém destacou-se mais em outras áreas que não a jurídica.

Acompanhou, a partir da década de 1930, todos os movimentos de vanguarda ocorridos em São Paulo, sendo um dos fundadores da Sociedade Pró-Arte Moderna e da Família Artística Paulista. As artes sempre o empolgaram e por isso escreveu crônicas sobre cinema e, posteriormente, sobre artes plásticas, em diversos jornais da capital paulista.

Sua principal obra foi o livro ao qual intitulou “De Anita ao Museu”. Trata-se de um trabalho indispensável para quem quer conhecer a história do movimento modernista em São Paulo, pois o autor assistiu e participou da maioria dos acontecimentos que descreve e o faz com total fidelidade.

Do início do movimento, ou seja, da exposição de Anita Malfatti em 1917, os fatos narrados vão atravessando os anos até chegar à criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo e da Bienal de São Paulo, contando numa prosa fluente os eventos ocorridos e seus interessantes personagens.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Mendes_de_Almeida

⁸ “De Anita ao Museu”; Paulo Mendes de Almeida; Perspectiva; São Paulo; 1976 (págs.: 122, 136).

“Esse grupo entusiasta bem cedo entraria em contato com dois valiosos artistas de formação europeia, que ao mesmo tempo exerciam intensa militância em São Paulo: Paulo Rossi Osir e Vittorio Gobbis”; “...exceção de Rizzotti, Bonadei e Zanini, os demais eram autodidatas.”

“Parti pris” com uma pitada de estreita doutrinação social de endereço esquerdista!

Mas foi o açougue que lhe deu a oportunidade de pintar sistematicamente desde a sua chegada ao Brasil. Pintava à noite e, durante o dia, desenhava nas folhas de papel de embrulho, sobretudo cenas da vida de Jesus e de São Francisco de Assis.

Os desenhos chamam a atenção de Emendabili, que possuía ateliê na mesma rua, e o convida para trabalharem juntos. Em depoimento posterior, o escultor contou como foi o convite: “Você, Pennacchi, aceitaria trabalhar e respirar no meu ateliê? Convido-o ao meu estúdio; ele também será seu”.

1932

Em meados de janeiro, monta um ateliê informal (sem registro na Junta Comercial) de reclames com Antello Del Debbio: “Clamor”. Pennacchi já realizava cartazes publicitários antes dessa data. Mesmo de autoria de Pennacchi, dada a unidade estilística do conjunto, os reclames são assinados pelos dois ou pelo nome do estúdio. Em 1933 não há mais menção do ateliê.

Em 2005, o Instituto Moreira Salles apresenta a exposição de 58 projetos inéditos daqueles exercícios publicitários - Os “reclames” de Fulvio Pennacchi: primórdios da propaganda brasileira.

1933

Começa a trabalhar no ateliê de Emendabili, situado à Rua Bela Cintra, próximo ao açougue. Colabora na execução de alguns monumentos funerários e também auxilia na execução do projeto para o *Monumento aos Heróis Constitucionalistas de 1932* e o *Monumento Duque de Caxias*.

1935/1936

Conhece Francisco Rebolo Gonsales (1902-1974) no I Salão Paulista de Belas Artes. Os dois são apresentados a Francesco Piccolo, professor de Literatura italiana na Universidade de São Paulo.

No final do ano, participa pela primeira vez de uma coletiva - o II Salão Paulista de Belas Artes (São Paulo), organizado pelo Conselho de Orientação Artística do Estado. Recebe o prêmio-aquisição pela pintura *Fuga para o Egito*, outorgado pela comissão designada pelo governo municipal, presidida pela Sra. Renata Crespi da Silva Prado, esposa do então Prefeito de São Paulo, Fabio Prado.

Integra, em São Paulo, de uma exposição realizada em homenagem a Candido Portinari (1903-1962), pelo prêmio obtido na Exposição Internacional de Pintura (Instituto Carnegie de Pittsburgh, Estados Unidos).

Participa do XLII Salão Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro), do III e IV Salão Paulista de Belas Artes (São Paulo), recebendo nos três a Grande Medalha de Prata. No final do ano, apresenta-se na "Exposição de Pequenos Quadros", no Palácio das Arcadas (São Paulo), onde conhece mais intimamente Rebolo. A exposição, organizada por Torquato Bassi, teve o apoio da Sociedade Paulista de Belas Artes (depois denominada Sindicato), realizada com o objetivo de angariar fundos destinados a obras de caridade. Sergio Milliet compra a obra *Enterrar os mortos*, posteriormente readquirida pelo artista e repintada (o céu, hoje de cor viva, resulta da intervenção feita na década de 1980). Piccolo também adquire obras do artista.

Começa a freqüentar o ateliê de Rebolo, instalado desde 1933/5 (?) no Palacete Santa Helena na Praça da Sé. No período, conhece Alfredo Rizzotti (1909-1972), Alfredo Volpi (1896-1988), Manoel Martins (1911-1979) e Mario Zanini (1907-1971), entre outros, bem como os intelectuais Mário de Andrade (1893-1945), Sergio Milliet (1898-1966), Paulo Mendes de Almeida (1905-1986) e o psiquiatra Dr. Osório Cesar (1896-1980)⁹. Mais tarde o grupo de artistas seria chamado de "Grupo do Santa

⁹ "... No Brasil, os pioneiros no uso da arte para a busca da sanidade mental foram, no Rio, a doutora Nise da Silveira, em São Paulo, Osório César, e no Recife, Ulysses Pernambucano. Curiosamente, estes pioneiros, a despeito de diferenças de abordagem científica - uma mais junguiana, os outros mais freudianos -, têm em comum a paixão pela arte e a preocupação com os problemas políticos e sociais. Essa preocupação levou Ulysses Pernambucano, tendo Noemia Varela como assistente, a se dedicar principalmente à educação das crianças e

texto de VALERIO PENNACCHI-PENNACCHI / 2009, DIREITOS RESERVADOS.

Helena". Pennacchi tinha papel importante no grupo, já que era um dos poucos com formação acadêmica, autodidatas na maioria.

1936/1938

Realiza murais a óleo nas residências de Egle e Nicolau Filizola, Antonio Pellegrino, Ciro Ramenzoni e Serafino Filleppo. Para os Filizola, realiza um painel com cinco arcos dentro dos quais se encontram as alegorias da *Virtude*, *Verdade*, *Justiça*, *Sapiência* e do *Amor*, além de alegorias relativas à indústria, como *A Engenharia*. Um dos afrescos, representando *A Família*, foi transferido para a casa de um dos filhos.

1936/1940

Conhece através de Galileo Emendabili o Prof. Attilio Venturi que lhe pede para reformular o ensino das artes no Colégio Dante Alighieri (São Paulo). Pennacchi passa a trabalhar na Instituição, como professor de Desenho Geométrico e Artes.

1937

Em homenagem ao 50º aniversário da vinda ao Brasil dos missionários carlistas, a “Pia Sociedade Missionária de São Carlos Borromeu” decide construir um complexo religioso-educacional: um templo dedicado à *Regina Pacis* (Nossa Senhora da Paz) e uma escola para a coletividade carente local. A localização foi determinante, próxima aos bairros de grande afluxo de imigrantes italianos: Brás e Mooca.

Foi num terreno de 1,5 mil metros quadrados, doado por Anita Pastore D’Angelo, na baixada do Glicério, onde têm início os projetos. O primeiro deles é apresentado por Engenheiro Leopoldo Pettini (que continuaria responsável pela parte técnica do projeto de Pennacchi, escolhido posteriormente).

adolescentes deficientes e à educação de suas famílias para aceitá-los e ajudá-los, despendendo esforços para evitar o confinamento. As preocupações político-sociais levaram a doutora Nise à prisão durante a Ditadura de 32-46 conhecida no Brasil como "Estado Novo" e Osório César a se engajar no Partido Comunista.

Aliás, é interessante lembrar que Osório César, tendo sido casado com Tarsila do Amaral, despertou a sua consciência social, e foi no período em que estiveram juntos que ela pintou um dos cinco quadros mais importantes da sua produção, "Os Operários", hoje na coleção do Palácio de Inverno do Governo, em Campos do Jordão, São Paulo”.

In: “Palestra de abertura do VII Congresso Internacional de Arte Terapia”; Setembro, 2003; Madrid. Autora: Ana Mae Barbosa

No ano seguinte, o artista é contatado para opinar sobre o projeto a pedido do P^e. Francesco Milini, Superior Provincial da Ordem Scalabriana. Apresenta uma nova proposta, responsabilizando-se pela arquitetura e pelos afrescos nas paredes internas, tanto da igreja quanto da casa paroquial e das celas da casa paroquial. O projeto é aprovado e, já nesse ano, inicia estudo arquitetônico da igreja. Vide texto dedicado à Igreja de N^a. S^a. da Paz.

Para a capela da fazenda São José (Santa Rita do Passa Quatro, SP), propriedade do Comendador Agostino Prada, idealiza, projeta e executa uma série de pinturas murais a óleo sobre episódios da vida de Maria, estações da Via-Sacra em terracota, altar-mor de madeira, esculturas e vitrais. Rebolo e Rossi Osir colaboram na execução do conjunto. Atualmente toda a propriedade pertence à Fundação Carlos Chagas.

Inicia estudos para os murais a óleo do átrio do jornal *A Gazeta*, executados no ano seguinte.

Integra o I Salão da Família Artística Paulista, organizado por Paulo Rossi Osir e Vittorio Gobbis, no Hotel Esplanada (São Paulo). O catálogo tem a apresentação de Paulo Mendes de Almeida. Pennacchi expõe as pinturas *Virgem com o Filho*, *Ceia dos Apóstolos*, *Paisagem*, *Natureza-morta* e *Composição*. Participa também do V Salão Paulista de Belas Artes (São Paulo).

Realiza cenário e ilustração para a capa do programa da peça teatral *Santo Francesco*, de Mario Ferrigni, apresentada no Teatro Municipal de São Paulo; em duas ocasiões é responsável pelo desenho gráfico do Programa Oficial do Teatro (21 de abril e 25 de abril).

Realiza a capa da segunda edição do romance *O Anjo*, de Jorge de Lima, publicado em 1941, pela editora Getúlio Costa. A primeira edição, de 1934, foi ilustrada por Santa Rosa (1909-1956).

1938

Em São Paulo, realiza os murais a óleo do edifício do jornal *A Gazeta* (atual edifício do Tribunal Regional do Trabalho - TRT). Os murais contam a história da imprensa, desde o surgimento do papiro até o advento das rotativas.

Candido Portinari o convida para desenhar azulejos e pintar afrescos no edifício do Ministério da Educação (conhecido como o Palácio da Cultura, no Rio de Janeiro), durante a gestão do Ministro Gustavo Capanema. O artista vive no Rio durante a realização do trabalho¹⁰.

1939

Realiza mural em afresco - uma Santa Ceia e o encontro de duas figuras femininas - para a residência do engenheiro Carlo Botti, no Jardim Paulistano (São Paulo). A partir dessa data, emprega exclusivamente a técnica do afresco.

Sem conhecer muito da técnica, apesar dos méritos no período acadêmico, realiza várias experiências até chegar a uma solução inovadora. Em alguns casos, utiliza armações metálicas sobre as quais aplica um reboco forte. Mais tarde, emprega um composto fibroso - celotex -, obtendo os mesmos resultados e facilitando a execução. O desenho das figuras também é diferente do que tradicionalmente se emprega. Algumas vezes transfere os desenhos por meio de cartões perfurados; em outras, desenha diretamente com um estilete sobre o cimento molhado.

Integra o “II Salão da Família Artística Paulista”, realizado nos salões do Automóvel Clube, à Rua Líbero Badaró nº 287. A ilustração da capa do catálogo é de autoria do artista.

Participa também do III Salão de Maio, realizado na Galeria Itá, quando é editada a *Revista Anual do Salão de Maio - RASM*.

1940

Iniciado no ano anterior finaliza o afresco na residência do Comendador Alberto Bonfiglioli (São Paulo), representando uma colheita de uva numa macieira. O afresco

¹⁰ Um telegrama de Portinari endereçado ao artista atesta o convite.
texto de VALERIO PENNACCHI-PENNACCHI / 2009, DIREITOS RESERVADOS.

foi retirado da parede e vendido em leilão, em 2008, sem que se saiba a atual localização.

Em residência da Rua Polônia nº 285, o afresco representando a *Santa Ceia* apenas foi transferido de uma parede para outra em 1976. Na época da intervenção, a residência pertencia à Companhia Bandeirante, de propriedade de Dimas Moraes Correa. O trabalho de remoção do afresco foi executado pelo Engenheiro Paulo Sproviero.

Também em São Paulo, realiza cinco afrescos para a residência do escultor Galileo Emendabili e de Plínio Emendabili, à rua Maria Figueiredo nºs 369 e 377: dois de grandes dimensões representam *A Colheita de Uva e o Pão*; em três de pequenas dimensões, representa duas *Madonas* e uma *Sagrada Família*. Os afrescos maiores (260 x 120 cm), foram adquiridos pela Pirelli e transferidos para o edifício-sede, hoje sede da “Porto Seguros Companhia de Seguros Gerais”, no bairro de Campos Elíseos.

Uma das Madonas encontra-se na coleção Sandra Papaiz, em São Paulo.

Durante a realização dos afrescos, Filomena, a filha primogênita do Conde Attilio Matarazzo, visita a residência e conhece Pennacchi.

Participa do III Salão da Família Artística Paulista, promovido pela Associação dos Artistas Brasileiros e a revista *Aspectos*. A última coletiva do grupo ocorre no Palace Hotel (Rio de Janeiro).

Elabora estudo publicitário para o jornal *Fanfulla*.

1941

Tem início a construção da Igreja Nossa Senhora da Paz, supervisionada por Pennacchi. No ano seguinte, constrói-se a absíde. (Sobre a cronologia da realização dos afrescos, vide o texto específico sobre a Igreja)

Emendabili deixa o ateliê da Rua Bela Cintra e transfere-se para a Rua Javaés. É possível que seja nesse momento que Pennacchi também mude de ateliê,

transferindo-se para a Rua Antônio Prado nº 97, apesar de não se ter certeza desta data.

Em outubro, integra o I Salão de Arte da Feira Nacional de Indústrias, no Parque da Água Branca (São Paulo), organizado por Quirino da Silva, Vittorio Gobbis e o jornalista Elias Chaves Neto. Entre outras obras, apresenta um *São Francisco*, mencionado em artigo de Mário de Andrade comentando o V Salão do Sindicato¹¹. O evento não teve continuidade.

Desenha novamente a capa para o Programa Oficial do Teatro Municipal (1º de agosto). Doa uma pintura representando *Santa Catarina de Siena* para a maternidade São Cristóvão (Rio de Janeiro). Em carta, o Embaixador da Itália no Brasil agradece o gesto.

Durante toda a vida, Pennacchi escreve poemas, muitas vezes relacionados aos temas de predileção em sua pintura. Entretanto não se considerava um poeta. Três desses poemas são desta data: “Vida de Pintor”, “Vida e Amor” e “Circo Equestre (Circo Piolim)”, entre outros.

A partir de outubro de 1941, a família do Conde Attilio Matarazzo passa a residir na Argentina. Voltarão ao Brasil em maio, 1944. Das cerca de 600 cartas que Pennacchi e Filomena trocaram, restam apenas 300 (ainda inéditas) de valor inestimável para a reconstituição da cronologia do percurso artístico de Pennacchi, pois, na realidade, aquelas não eram propriamente “cartas”, mas sim, “páginas de um diário” onde o artista descrevia suas últimas obras, projetos, a vida em São Paulo, etc. Não raro, as missivas eram ilustradas e à elas também eram anexadas miniaturas delicadamente pintadas, que eram estudos para algumas das obras em andamento ou já terminadas¹².

1942

¹¹ Mário de Andrade. “V Salão do Sindicato”, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 22 nov. 1941.

¹² Giovanna e Valerio Pennacchi estão atualmente traduzindo essas “cartas” e esperam publicá-las em futuro próximo.

Em julho, participa do VII Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos, na Galeria Prestes Maia. Desde 1936, a Sociedade Paulista de Belas Artes transformava-se em Sindicato dos Artistas Plásticos e Compositores Musicais.

1943

Em Campos do Jordão, realiza uma decoração de afrescos no Hotel Toriba. Os motivos folclóricos - inspirados nas músicas “Tristeza do Jeca”, de Angelino de Oliveira, e “A casinha da colina”, de Luiz Peixoto, Antonio Pereira e Pedro Sá - foram selecionados pela avó da atual proprietária, Sra. Elisa Villares César. Entre os painéis, encontram-se: *Casal* (“Duma casinha que eu tenho”), *Quarto de caipira* (“E em casa, meu cão e eu. Junto à minha cabeceira”), *Violeiro* (“No jardim canta uma fonte”), além de *Pássaros*, *Churrasco gaúcho*, *Entradas e Bandeiras* e *Sanfoneiro*, entre outros. Vide texto dedicado às obras do Hotel Toriba.

Realiza afrescos para a casa de campo do Conde Luiz Eduardo Matarazzo, em Campos do Jordão. Na parte exterior, o artista representa cena pastoril de ovelhas: *La Pastorella*. Nas paredes externas, são também pintados o brasão da família Matarazzo e um relógio de sol. Atualmente a residência encontra-se a venda.

1944

Pinta o afresco *Cavalcada Medieval* para a residência de Miguel Forte. A residência transformou-se em concessionária de automóveis e o afresco está totalmente encoberto por tapumes de madeira. Atualmente a casa está ocupada por uma empresa imobiliária que retirou os antigos tapumes e patrocinou a restauração da obra.

1945

Em junho, apresenta-se individualmente na Galería Müller (Buenos Aires, Argentina), onde expõe 47 pinturas entre óleos, guaches e têmperas, de temas religiosos e de costumes. A exposição foi organizada por Giuseppe Chiappori, com a ajuda de Filomena e de sua governanta Malanie Van Derkel. A mostra foi divulgada pelos jornais *La Nación*, *El Pueblo*, *La Razón*, *Correo Literario* e um periódico para a comunidade alemã: *Argentinisches Tageblatt*. É possível que a crítica Margherita

Sarfatti, importante divulgadora do *Novecento Milanese e Italiano*, tenha escrito uma crítica sobre a exposição (não encontrada). Pennacchi, entretanto não a conheceu.

Em agosto, integra a “Exposição de Pintura Moderna Brasileira-Norte-Americana” na Galeria Prestes Maia. O evento, proveniente do Rio de Janeiro, era uma iniciativa da empresa comercial “Contemporary Arts”.

Em outubro, realiza individual na Galeria Itá, apresentando 70 obras: 27 com temas sacros, 43 profanos, entre os quais, sete naturezas-mortas, quatro desenhos, três têmperas e dois afrescos de pequeno porte. *Cena Brasileira*, considerada pela crítica uma das melhores obras, é adquirida por Cicillo Matarazzo e posteriormente doada ao futuro Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Realiza para a Catedral e o Palácio Episcopal de Uruguaiana (Uruguaiana, RS) dois afrescos representando a “*Apresentação de Maria ao templo*” e o “*Nascimento de Maria*”. No Palácio Episcopal realizou um terceiro afresco; “*A Anunciação*”.

O painel em afresco - *O Pão* -, realizado para a residência de Antonio Lunardelli, medindo 150 x 300 cm, foi removido e hoje se encontra na residência do filho do artista, Attilio Pennacchi, em Cristalina (GO).

1946

Fulvio Pennacchi casa-se com N.D. Filomena Maria dall’Aste Brandolini Matarazzo¹³. O casamento se realiza na capela da residência dos tios - Conde Andrea Matarazzo e Amália Cintra Ferreira. Frei Emílio Wienk, na época “diretor espiritual” de Filomena, oficiou o enlace.

N.D. Filomema Maria é a filha primogênita do Conde Attilio Matarazzo, 6º dos 13 filhos de Francesco Matarazzo; 1º Conde Matarazzo, em virtude do “Decreto Regio motu proprio” de 25-6-1917. Nasceu em Castellabate (9-3-1854 +Sao Paulo 10-2-1937) e foi casado com Filomena Sansivieri (*Castellabate 15-8-1850 +Sao Paulo 2-8-1940). Célebre industrial ítalo-brasileiro de quem se conhece ampla bibliografia. Em

¹³ Nobil Donna, título nobiliárquico concedido às mulheres descendentes de família nobre, mas que não possuem títulos nobiliárquicos específicos. No caso de Filomena e suas irmãs, o direito a tal tratamento foi herdado pelos dois lados da família.

02.12.1926, através das “Regie Lettere Patenti e Regio Decreto” o título foi estendido também a todos os filhos de sexo masculino do casal. Não se conhece a atribuição de “diferenças” a serem feitas no escudo da família para tornar distintas as armas de seus vários ramos.

Da união de 47 anos, tiveram oito filhos, com uma diferença de 19 anos entre o primogênito e a caçula: Marco, Francesca, Giovanna, Gabriela, Attilio, Paulo, Lucas e Maria Adele.

Passam a lua-de-mel na residência em Santo Amaro, construída em terreno escolhido pelo Conde Attilio Matarazzo e projetada por Pennacchi, em 1945. Ali realizou os afrescos *Cena Toscana*, *Virgem e Menino Jesus*, e *Anunciação* (no quarto do casal). Na cozinha, são ilustrados azulejos com temática relacionada à *Culinária Brasileira*. Atualmente a residência é de Ângelo Isola e os afrescos se mantêm no local de origem.

A residência conhecida como a da “Rua Espanha” é também construída em terreno ganho da família da esposa, entre as ruas Espanha e Alemanha, chamado na época “Picadeiro” (hoje haras), onde o Conde mantinha um adestrador de cavalos. Cada detalhe da casa é pensado, projetado e decorado pelo artista. A construção é inspirada na arquitetura rústica e campesina toscana do pré-renascimento, marcada pela profusão de arcos. O partido de Pennacchi foi empregar formas simples, sem a utilização de materiais ostensivos ou ornamentos gratuitos. Rodeada de árvores, a casa possui um pátio interno ajardinado. Dentro, os afrescos, os móveis, os azulejos pintados, os objetos de cerâmica são rigorosamente estudados, formando um conjunto de grande unidade. Ali se localiza também o último ateliê do artista. A residência foi inaugurada em 1948. Vide texto dedicado às casas que Pennacchi projetou e construiu.

Da residência em Santo Amaro até a casa da Rua Espanha, o casal passou por diversos endereços, devido a um assalto na primeira morada. Moraram com os pais de Filomena, à Rua México, Rua Avandava e finalmente, Rua Espanha.

Em fevereiro, integra com um desenho a coleção da Secção de Arte da Biblioteca Municipal de São Paulo, idealizada por Sergio Milliet.

Participa do XII Salão Paulista de Belas-Artes, na Galeria Prestes Maia.

1947

Realiza afrescos na Capela do Hospital das Clínicas (São Paulo). Um estudo, datado de 1946, encontra-se na coleção do MAC/USP.

1948

Em Osasco (São Paulo) decora com afrescos a Capela da Vila São Francisco.

Também nesse ano, pinta um mural em afresco para a residência de Luiz Maiorana (destruído).

1949

Em março, integra a coletiva “Exposição de Pintura Paulista”, no Ministério da Educação e Saúde (também patrocinador), no Rio de Janeiro, organizada pela galeria paulista Domus. Também integram a mostra obras de Aldo Bonadei, Alfredo Volpi, Emiliano Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Francisco Rebolo Gonsales, José Antonio da Silva, Lúcia Suaré, Nelson Nóbrega, Noêmia Mourão, Quirino da Silva e Yolanda Mohalyi. Pennacchi apresenta oito óleos e guaches: *Circo*, *Aldeia*, *A Bruxa* (reproduzida no catálogo), *Balão*, *Esmola*, *Anunciação*, *Visitação* e *Composição*.

Participa também do I Salão Baiano de Belas-Artes, realizado no Hotel Bahia, Salvador.

Década de 1950

Ouçamos Pennacchi: “... participei da primeira Bienal com uma composição de figuras em afresco sobre reboque, porém optei por um auto-exílio, por não concordar com o caótico desenvolvimento das artes plásticas nos anos 1950 e resolvi voltar para o meu mundo e continuar a pesquisar e trabalhar. Até 1964 fiquei completamente isolado e nunca fui convidado a participar de qualquer mostra de arte¹⁴.”

¹⁴ Depoimento do artista dado a Valerio Antonio Pennacchi.
texto de VALERIO PENNACCHI-PENNACCHI / 2009, DIREITOS RESERVADOS.

O início da década de 1950 marca, grosso modo, o contato direto dos artistas brasileiros com novos processos de criação. Pennacchi percebia a ascensão das novas linguagens, até porque representavam o caos e a falta de esperança que o mundo vivia após duas grandes guerras e o avanço de um mundo polarizado entre os que “tudo tinham” e os que “nada possuíam”, Esse mundo, porém, não o interessava minimamente. Não era cristão e estava diametralmente oposto às suas crenças que ele manifestava com fé e grande segurança.

Pinta afresco para a residência de Francisco Sanches, uma *Cena Toscana*, no Guarujá (São Paulo). Para Samuel Klabin e Francis Forbes realiza figuras de cerâmica policromada maiolicada.

1950/1962

Nasce a escultura, produto magno da época! As argilas e as terras brasileiras sempre interessaram a Pennacchi, e delas surgiram, como resultado de extensas pesquisas, suas esculturas em terracota e outras com acabamento policromático. As tais “cerâmicas”, nome pelas quais aquelas esculturas são comumente conhecidas, foram cozidas em seu próprio forno e adicionais experiências foram possíveis pelo apoio e amizade de Paulo Rossi Ozir e do industrial Cândido Cerqueira Leite que lhe cedia seus fornos em Mauá que atingiam a temperatura de 1.300°. Com igual destreza saíram das mãos do artista, santos, anjos, composições figurativas e figurarias além de toda a sorte de alfaias. Um outro mundo, novo, inexplorado!

Como agradecimento ao industrial, realiza, no ano seguinte, um grande painel de tema popular - *Festa de São João*. Colaboraram na execução Rossi Osir e Mario Zanini. Hoje o local é ocupado por um templo religioso (Igreja de Jesus Cristo dos

(NdA): Alexander Calder e Max Bill expõem no MASP e este último recebeu o prêmio de melhor escultura, unanimemente aplaudida, na nossa primeira Bienal (1951). Concomitantemente Samson Flexor iniciou as atividades do “Atelier Abstração” em São Paulo. No Rio de Janeiro surgiu um grupo “Concretista” que após a Bienal se **transformaria** no “Grupo Frente”. Em São Paulo o concretismo recebia o nome de “Grupo Ruptura” enquanto outros artistas preferiram enveredar pelo campo da “Abstração Geométrica”.

Santos dos Últimos Dias) e o painel que ainda se encontra coberto por camadas de tinta, já foi retirado e aguarda restauração, sob o patronato de Paulo Bilyk.

1951/1983

Para a Igreja de São Pedro e São Paulo, no Morumbi (São Paulo), Pennacchi realiza duas figuras de cerâmica maiolicada representando a *Anunciação*.

O acervo do MAC/USP possui um estudo para a capela, datado de 1948.

1951

Participa da I Bienal de São Paulo, exposição organizada pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo. Pennacchi envia três obras, mas apenas uma é escolhida para integrar a mostra: um afresco sobre reboco com o título *Figuras*, de 1950.

A pedido do arquiteto que projetou uma casa à Rua Cravinhos, o artista pinta um afresco - pastora, crianças e ovelhinhas -, transferido, em 1981, para a residência de Alberto Hekel Tavares, na Chácara Flora (São Paulo), hoje de outro proprietário. A transferência do painel de grandes dimensões (500 x 400 cm) também foi feita pelo engenheiro Paulo Sproviero.

1952

Recebe Pequena Medalha de Ouro no Salão Oficial de Arte Moderna e, uma outra no II Salão Paulista de Arte Moderna, quando é homenageado pela qualidade da obra. Em junho, participa - com *Painéis Juninos* - da II Exposição da Oficina de Arte, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, ao lado de Aldo Bonadei, Alfredo Volpi, Clóvis Graciano, Francisco Rebolo, Manoel Martins e Mario Zanini.

1953

Três painéis a óleo sobre madeira, representando o tema do *Café*, decoram a agência da Rua Marconi do Banco da América, hoje propriedade do Banco Bradesco.

No mesmo ano, um afresco representando a *Alegoria ao Desenvolvimento Industrial Paulista* decora a agência Duque de Caxias do Banco Auxiliar de São Paulo. O

MAC/USP possui dois estudos para o afresco datados de 1950: *Estudo para agência Duque de Caxias* e *Estudo para mural “Vida paulista”*.

Integra o XVIII Salão Paulista de Belas-Artes, na Galeria Prestes Maia.

1954

Decora o Hotel Príncipe, na avenida São João (São Paulo), com dois grupos cerâmicos; o primeiro conta a história de *Noé e o descobrimento do vinho* (Gn 9, 20-27), hoje destruído. Resta, entretanto, o segundo - *Cavalgada medieval* - localizado no *lobby* do hotel. Atualmente o imóvel encontra-se fechado.

Realiza para a Igreja São José, Matriz de Ribeirão Pires, afrescos de episódios da vida de Jesus: *Natividade* e *Fuga para o Egito* (na parede que envolve o altar-mor).

Executa afresco para a residência de Mario Toldi e da Família Giorgi: cena bucólica (um pastor e ovelhas) numa paisagem toscana, segundo estudo para mural, presente na coleção do MAC/USP.

Em maio, participa do III Salão Paulista de Arte Moderna, na Galeria Prestes Maia. Integra também a coletiva “Arte contemporânea: exposição do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo”, no mesmo museu.

O MAC/USP possui um estudo de 1954, para um café à Rua Barão de Itapetininga. Não se sabe se a obra foi realizada.

1955

Na Igreja do Cristóvão Colombo (São Paulo), realiza figuras de cerâmica policromada e afresco representando as estações da Via-Sacra.

Na residência de Mario Pucci, Pennacchi pinta o afresco *O balão vem caindo...* Decora também a residência de Ligia Lancelotti com um afresco - *A Colheita das Uvas* - e cerâmicas policromadas. O imóvel foi posteriormente vendido a Octavio D’Andrea e hoje se encontra com outros proprietários.

1956

Realiza para o edifício sede da Companhia Marítima Italmar painel a óleo sobre madeira, com cenas da *História da navegação*. Não se tem notícia da obra. Um estudo datado de 1954 representa uma cena da criação do mar, provavelmente para o referido painel (coleção MAC/USP).

1957

Para o edifício-sede da Liga das Senhoras Católicas (São Paulo), hoje sede da Liderança Capitalização, pertencente ao Grupo Silvio Santos, Pennacchi representa em afresco a *Ceia de Emaús*. Três estudos para o afresco, datados de 1956, encontram-se na coleção do MAC/USP. Valerio Pennacchi possui o estudo definitivo.

Também pinta o afresco *Cena Italiana* na residência de Dudi Guper (São Paulo).

1958

Decora com um afresco a residência da Sra. Maria Bei (São Paulo).

1959

No altar da Capela da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, no bairro de Bom Retiro (São Paulo), o artista executa um afresco representando *Cristo Crucificado*, o qual viria a ser seu último afresco de grandes proporções¹⁵.

1960

No Rio de Janeiro, à Rua Visconde de Inhaúma, o artista realiza um painel a óleo sobre madeira sobre o tema do *Café*, para o Banco de Crédito Real de Minas Gerais. Hoje no local existe uma agência do Banco Bradesco. Os painéis fazem parte da coleção Bradesco e foram apresentados na exposição “Pennacchi - 100 anos” na Pinacoteca do Estado SP.

¹⁵ Este afresco, pouco fotografado, encontra-se reproduzido à página 39 do livro “Ofício de Pennacchi”; Valerio Pennacchi; Gemma Design Editora e Projetos Culturais Ltda.; São Paulo; 1989.

Participa da coletiva “Cartões de Natal”, organizada pela Galeria Atrium.

1964

São organizadas individuais na Galeria Azulão e na Galeria de Arte da Casa do Artista Plástico (São Paulo). Na última expõe pinturas e peças de cerâmica.

Impulsionado por Emy Bonfim expõe miniaturas com grande repercussão no meio artístico.

1966

Realiza quatro painéis de madeira retratando cenas populares brasileiras para a casa de retiro espiritual do Opus Dei, em Aroeira (SP). A instituição tem importante acervo de obras do artista, entre elas algumas peças de cerâmica que estão afixadas nas paredes externas dos edifícios.

A partir dessa data, várias exposições do Grupo Santa Helena se sucedem. A primeira delas - “O Grupo Santa Helena, Hoje” - ocorre na Galeria de Arte 4 Planetas. No ano seguinte, o Auditório Itália organiza a mostra “O Grupo Santa Helena: 30 anos depois”.

Também nesse período, Beneteau, dono da antiga Galeria Itá, compra um grande lote de obras suas.

1969

Depois de vários anos participando esporadicamente de exposições, submete seus trabalhos - 14 painéis sobre as Obras de Misericórdia - ao júri do I Salão Paulista de Arte Contemporânea. Os trabalhos são recusados por uma comissão julgadora que tinha por membros, entre outros, Flávio de Carvalho e Samson Flexor.

Déc. de 1970

O artista decora com um anjo de cerâmica o jazigo das famílias Matarazzo e Pennacchi. Em 1998, logo após o enterro da Condessa Adele Dall’Aste Brandolini Matarazzo, sogra do artista, num ato de vandalismo, a cabeça e as mãos do anjo são arrancadas.

Enquanto a Europa Central e o mundo ocidental discutiam o neo-impressionismo, transvanguarda e arte “povera”; no Brasil se comemorava o cinquentenário do “nascimento da arte moderna”, fato que evolutivamente proporcionara as bases teóricas para que nos anos ‘30 e ‘40, a “Modernidade Brasileira” pudesse ser sintetizada e sistematizada.

Em São Paulo, naqueles anos, tomou força um grupo de pintores que de forma espontânea, independente e sem programas pré-estabelecidos se reunia no Palacete Santa Helena, na Praça da Sé.

Pennacchi fazia parte daquele grupo e em 1973, comemorando 40 anos de pintura, foi homenageado por P. M. Bardi, com uma Retrospectiva no MASP, na época, o mais importante museu brasileiro. Foi a terceira retrospectiva que o MASP realizava (as outras foram de Portinari e Segall) e a primeira de um artista enquanto vivo. A “re-descoberta” do artista causou grande comoção; sucesso absoluto de público e crítica, principalmente porque mostrou o admirável percurso do artista tornando patente a extensão de sua pintura mural, seus esforços e êxito para a revitalização da técnica do afresco entre nós e sua escultura, até então conhecida somente por alguns colecionadores. O catálogo-livro produzido - “Pennacchi; quarenta anos de pintura” - teve prefácio de P. M. Bardi, introdução de Fábio Porchat, ensaio crítico de Valerio Pennacchi e fotografia e “stills” de Rômulo Fialdini.

1970

Em Estoril (Portugal), é convidado a integrar a coletiva “Artistas Ingênuos Brasileiros”, realizada no Cassino Estoril.

1972

Duas importantes exposições ocorrem nesse ano: “A Semana de 22: Antecedentes e Conseqüências”, iniciativa de Pietro Maria Bardi, realizada no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, e “Arte/Brasil/Hoje: 50 anos depois”, organizada por Roberto Pontual, na Galeria Collectio. Ainda nesse ano, a Galeria Azulão expõe desenhos do Grupo Santa Helena: Bonadei, Graciano, Manuel Martins, Rebolo, Rizzotti, Volpi e Zanini.

1973

Em São Paulo, realizam-se quatro individuais: em abril, no Museu de Arte de São Paulo; em maio, no Circolo Italiano (Edifício Itália) e em novembro, na Espade Galeria de Arte, além de expor individualmente em junho, em Milão (Itália).

A retrospectiva do MASP, iniciativa de Pietro Maria Bardi, é sem dúvida a mais importante, permitindo um conhecimento vasto da obra do artista. São apresentadas 152 obras relacionadas na em um impresso, entre pinturas, desenhos, afrescos e cerâmicas (não elencadas). Oito auto-retratos de diferentes períodos são expostos. Os jornais consideram “o ano Pennacchi” pelo conjunto das mostras individuais.

Em agosto, em leilão organizado pela Galeria Collectio, o artista é homenageado com uma individual, na qual são apresentadas 27 pinturas, abrangendo 40 anos de atividade artística. A Galeria Espade também apresenta pinturas do artista.

Integra o Panorama da Arte Atual Brasileira / Pintura, organizado pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo, no qual apresenta as obras: *Casamento* (1968), *Cafezal* (1970), *Circo* (1972) e *Aldeia* (1973), reproduzida no catálogo. A “Uirapuru Galeria de Arte” apresenta “Oito Pintores do Grupo Santa Helena” e a Galeria Azulão, “São Francisco visto pelos artistas...”. Em Milão, o Itamaraty organiza coletiva de artistas brasileiros, da qual Pennacchi faz parte.

O Museu de Arte de São Paulo apresenta cinco desenhos do artista em mostra de doações daquele ano.

1974

Doa uma tela - Nossa Senhora da Primavera retratando Jesus e São João Batista, quando crianças - para ser especificamente usada na “Sagra Pascoliana al Passo delle Forbici” (Garfagnana), hoje sob a custódia da Igreja de São Miguel de Castiglione di Garfagnana. A obra segue a descrição que o poeta Giovanni Pascoli havia imaginado e descrito em carta ao pintor e amigo Vittorio Corvos.

Quatro individuais são realizadas: em março, na Galeria Bonfiglioli (São Paulo); retrospectiva na Fundação Cultural do Distrito Federal (Brasília), onde são

apresentadas 129 obras, abrangendo o período de 1929 a 1974; na Galeria Oscar Seraphico (Brasília), sob o patrocínio da Embaixada da Itália e o apoio de Yvone Giglioli - Embaixatriz da Itália no Brasil -, e mostra de mini-quadros na Galeria Guimar (São Paulo).

1975

Apresenta painéis de cerâmica com temas folclóricos, em colaboração com Eunice Pessoa, no Clube Athletico Paulistano (São Paulo). Pennacchi conheceu a ceramista em uma exposição dela e aceitou sua sugestão de trabalharem juntos. Essa mostra é a primeira da dupla.

A Galeria Emy Bonfim expõe 30 telas de Pennacchi e dez painéis cerâmicos de autoria da dupla Pennacchi-Eunice Pessoa.

Em março, o Paço das Artes e o Museu da Imagem e do Som organizam mostra conjunta sobre Pennacchi e o Grupo Santa Helena: “Pennacchi e alguns artistas do Grupo Santa Helena” (Paço) e “Outros pintores do Grupo” (MIS). Integram a exposição obras de Aldo Bonadei, Alfredo Rizzotti, Alfredo Volpi, Clóvis Graciano, Francisco Rebolo Gonsales, Humberto Rosa, Manoel Martins e Mario Zanini. Pennacchi apresenta 12 obras datadas de 1936 a 1950.

Em setembro, os santahelenistas recebem mostra comemorativa pelos 40 anos do grupo também figuram no Palácio das Artes (Galeria Genesco), em Belo Horizonte. Sob a curadoria de Aurora Duarte e Fábio Porchat, são apresentadas obras de Bonadei, Graciano, Rebolo e Volpi, além de Pennacchi.

1976

O artista doa ao MAC/USP 133 desenhos, entre eles, estudos para murais da capela do Hospital das Clínicas, da Capela da Igreja de São Pedro e São Paulo, do Banco Auxiliar de São Paulo e da Liga das Senhoras Católicas, entre outros.

A Galeria Emy Bonfim realiza individual do artista.

Novamente participa do Panorama da Arte Atual Brasileira / Pintura, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, com as obras: *Anunciação* (1975), *Aldeia com balões* (1976) e *O pão* (1976), reproduzida no catálogo.

Em junho, o Museu Lasar Segall apresenta “Os Salões: da Família Artística Paulista, de Maio e do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo”, mostra organizada por Lisbeth Rebollo Gonçalves.

1977

Apresenta-se individualmente na Galeria do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos (Santos), em exposição de pinturas (das décadas de 1960 e 1970), desenhos afrescos e cerâmica, em mostra inaugural da Galeria Entreates e na Galeria do Clube Amigos das Artes (São Paulo).

No Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado (São Paulo), organiza-se a exposição “Grupo Seibi - Grupo Santa Helena: década 35 e 45”.

1978

Integra o III Salão de Artes Plásticas da Noroeste, na Fundação Educacional de Penápolis (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras). A Academus Galeria de Arte Decorações (São Paulo) organiza a mostra coletiva, “Pequenas Telas - Grandes Pintores”, da qual o artista faz parte.

1979

Em comemoração aos 50 anos de atividade artística no Brasil, na Galeria de Arte Paulo Figueiredo (São Paulo), ocorre a primeira exposição a dar especial ênfase ao desenho. Em junho, a Galeria Oscar Seraphico (Brasília) também homenageia o artista, apresentando pinturas, desenhos e gravuras.

A “Uirapuru Galeria de Arte” (São Paulo) apresenta exposição sobre o Grupo do Santa Helena.

1980

São realizadas três individuais: na Academus Galeria de Artes Decorações, apresentando 30 telas (São Paulo), na Galeria Samson Flexor (Marília) e na Kattya Galeria de Arte (Salvador).

Nesse ano, em 1982 e 1985, novamente integra o Salão de Artes Plásticas da Noroeste (o IV, V e VI) na Fundação Educacional de Penápolis. Participa também da coletiva “Pintores Paisagistas” na Galeria de Arte André (São Paulo).

1981

Desenhos e estudos são apresentados na Galeria Gerot (São Paulo) com texto de Valerio Pennacchi.

1982

Individual do artista marca a inauguração da nova sede da Galeria André (São Paulo).

Em junho, o Museu de Arte Moderna de São Paulo realiza a mostra “Do Modernismo à Bienal”.

1984

A Galeria de Arte André (São Paulo) homenageia o artista na mostra “Pennacchi - sessenta anos de pintura”. Duas outras individuais realizam-se na Galeria Ars, Artis (São Paulo), apresentando estudos, desenhos e obras em técnica mista, e na Galeria Academus, em Curitiba.

Suas obras são apresentadas na coletiva “Tradição e Ruptura: síntese de arte e cultura brasileiras”, na Fundação Bienal de São Paulo.

1985

Em comemoração aos 80 anos do artista, são apresentadas três individuais: na Academus Galeria de Artes Decorações (São Paulo), na Galeria Grossman (São Paulo) e no Salão de Convenções do Hotel Bologna, em Campos do Jordão.

Integra o VIII Salão Nacional de Artes Plásticas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O Museu de Arte de São Paulo apresenta 100 obras da coleção Itaú, e a Galeria Ranulpho (São Paulo), a mostra “As mães e a flor na visão de 33 pintores”.

1986

Na cidade natal, na Sala Ex-Archivio Provinciale (Castelnuovo di Garfagnana, Lucca, Itália), realiza-se mostra com 40 obras provenientes das coleções das paróquias de Villa Collemandina e de Castiglione e das coleções particulares de Giovanni Giannotti, Nello Pennacchi dei Capitani e Nicolau Pennacchi dei Cannari e Luigi Suffredini. A exposição tem curadoria de Guglielmo Lera e Nicolau Pennacchi.

São realizadas outras duas individuais de grande importância. A primeira, marcando a inauguração da galeria de arte do Banco do Estado de Minas Gerais (São Paulo) e outra, na Galeria Jardim Contemporâneo, numa iniciativa da Secretaria de Cultura de Ribeirão Preto, quando é recebido como hóspede oficial da cidade. No mesmo ano, apresenta óleos, desenhos e trabalhos em técnica mista no salão de convenções do Hotel Savoy, em Campos do Jordão.

Integra em São Paulo, as coletivas “Artistas e Futebol”, na Galeria Grossman, e “Tempo de Madureza”, na Ranulpho Galeria de Arte.

Nesse ano e nos três seguintes, participa de coletiva organizada pela Sociarte. As três primeiras edições são apresentadas no Clube Atlético Monte Líbano (São Paulo) e a última na sede da Ripasa, em Americana.

1987

O artista apresenta-se individualmente na Galeria de Arte André (São Paulo).

É homenageado como patrono do VI Salão de Arte, organizado pela Faculdade São Judas (São Paulo), no qual recebe os troféus “Destaque do Ano” e de “Honra ao Mérito”.

Integra a coletiva de Natal na Galeria de Arte André (São Paulo) e “Seis Figurativos”, na Galeria do Banco do Estado de Minas Gerais (São Paulo).

Participa da “Exposição de Arte Contemporânea”, realizada na Chapel Art Show do Colégio Maria Imaculada (São Paulo). Integrará também as edições de 1988 e de 1989.

1988

Em Curitiba, o artista é contemplado com uma individual na Simões de Assis Galeria de Arte, em junho.

O MAC/USP organiza a mostra “MAC 25 Anos: destaques da coleção inicial”, da qual o artista faz parte com a obra *Cena Brasileira*. A Ranulpho (São Paulo) também realiza a coletiva “O Circo”. No ano seguinte, a mesma galeria apresenta “Trinta e três maneiras de ver o mundo”.

1989

Realiza-se a última individual do artista em vida, na Galeria Jacques Ardies (São Paulo). No fim do ano, a mesma galeria promove o lançamento do livro *Ofício de Pennacchi* escrito por Valerio Pennacchi. (Gema Design Editora).

1990

É homenageado na XIV Exposição Cultural dos Imigrantes e no I Salão de Artes da Imigração e Integração, em São Paulo.

Suas obras integram mostra da Associação Paulista de Críticos de Arte, no Jockey Club de São Paulo, além da coletiva, em setembro, da mostra “Homenagem a Israel”, organizada pela Associação Amigos de Israel e a Galeria Grossman (São Paulo). Pennacchi doa algumas obras para a associação beneficente.

1991

Ilustra, com a obra *Na Praia* (1972, coleção Mirante das Artes), a capa da edição italiana de *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado¹⁶.

São apresentadas obras inéditas do artista, realizadas entre 1928 e 1982, na Galeria Ars, Artis (São Paulo).

1992

Morre em 5 de outubro, depois de longa enfermidade. Está enterrado no cemitério da Consolação (São Paulo), no jazigo das famílias Attilio Matarazzo e Matarazzo-Pennacchi.

A Biblioteca Municipal Mário de Andrade realiza a importante mostra “O Olhar de Sérgio sobre a Arte Brasileira: desenhos e pinturas”, apresentando obras da coleção do historiador Sérgio Buarque de Hollanda.

Em dezembro, recebe homenagem no leilão de Natal realizado por Aloísio Cravo (São Paulo).

ANOS PÓSTUMOS

1993

Desde esse ano, sua obra integra diversos eventos póstumos, a começar pela II Exposição de Artistas Ítalo-Brasileiros no Espaço Cultural Fiat (São Paulo), sob o patrocínio da Fiat do Brasil e o apoio do Consulado italiano, dos institutos Italiano de Cultura e Ítalo-Brasileiro.

1994

Antecedendo a XXII Bienal Internacional de São Paulo, a Fundação Bienal organiza a mostra histórica “Bienal Brasil Século XX”, sob a curadoria geral de Nelson Aguilar.

¹⁶ “Gabiella, Garofano e Cannella”; Einaudi Tascabili; Torino; 1991.

A Galeria Grossman, em São Paulo, apresenta a mostra “Dentistas e Futebol”.

1995

O Museu de Arte Moderna de São Paulo realiza mostra sobre o Grupo Santa Helena, com curadoria de Walter Zanini, apresentada no ano seguinte no Centro Cultural Banco do Brasil (Rio de Janeiro).

1996

As obras do artista na coleção do MAC/USP são apresentadas na exposição “Arte Brasileira: 50 anos de história no acervo MAC/USP: 1920-1970”.

1997

“Grandes Nomes da Pintura Brasileira” (Galeria Jô Slaviero) e a coletiva de Natal da Galeria de Arte André, ambas em São Paulo, apresentam obras de Pennacchi.

1998

Nesse ano, a sogra do artista - Condessa Adele Dall’Aste Bradolini in Matarazzo - vem a falecer e é enterrada no Cemitério da Consolação (São Paulo). Horas depois do enterro, o jazigo que desde a década de 1970 é decorado com um anjo de cerâmica de autoria do artista, é depredado num ritual de missa negra.

A Galeria de Arte André organiza a coletiva de Primavera e acontece, no Espaço Cultural Banespa (São Paulo), “Impressões: a arte da gravura brasileira”.

1999

Em São Paulo, duas mostras individuais são realizadas: no Clube Atlético Paulistano e na Galeria Ars, Artis. Na Galeria de Arte Jô Slaviero, também em São Paulo, organiza coletiva de desenhos e aquarelas.

2000

O Museu de Arte Brasileira (Faculdade Armando Álvares Penteado, São Paulo) organiza a importante retrospectiva “Desvendando Pennacchi”, com curadoria de Fábio Porchat. A exposição apresenta sua produção cerâmica, pouco conhecida, proveniente, sobretudo da coleção da família.

Três coletivas têm lugar nesse ano, em São Paulo: “Arte Naïf”, na Galeria Jacques Ardies (uma segunda edição ocorre em 2002), “A Figura Humana na Coleção Itaú”, no Itaú Cultural, e “Grupo Santa Helena”, na Jô Slaviero Galeria de Arte.

2001

A obra do artista integra duas exposições: a primeira, no Rio de Janeiro - “Aquarela Brasileira” -, no Centro Cultural Light; a segunda, em São Paulo - “Figuras e Faces”, em A Galeria.

2002

É publicado o livro *Pennacchi - Pintura Mural*, com texto de Valerio Pennacchi (Metalivros), em comemoração aos dez anos da morte do artista.

A Dan Galeria (São Paulo) organiza mostra comemorativa do artista, com curadoria de Valerio Pennacchi. Sua obra integra outras três coletivas em São Paulo: “Modernismo: da Semana de 22 à secção de arte de Sergio Milliet” (Centro Cultural São Paulo), “Operários na Paulista: MAC-USP e os artistas artesãos” (Galeria de Arte do Sesi) e “Santa Ingenuidade” (Faculdade Unifieo).

2003

A importante exposição “Novecento Sudamericano”, com curadoria de Tadeu Chiarelli, é exibida no Palazzo Reale de Milão (Itália), em março, e na Pinacoteca do Estado (São Paulo), em agosto do mesmo ano.

Em julho sua obra é apresentada na coletiva “Olhares sobre Campos do Jordão”, no Hotel Toriba, naquela cidade.

Em dezembro, a mostra “Duas Interpretações da Arte Brasileira” apresenta obras do artista e de seu filho Lucas, sob a curadoria de Valerio Antonio Pennacchi.

2004

Os afrescos do Hotel Toriba, em Campos do Jordão, são temas do ciclo de palestras, organizado por Flávia Rudge Ramos, “A paisagem na pintura e o restauro dos afrescos

de Pennacchi”, durante um “workshop” com os palestrantes Flávia Rudge Ramos, Julio Moraes, Elza Ajzenberg e Valerio Pennacchi.

2005

Em São Paulo, em comemoração aos 70 anos do Grupo Santa Helena, ocorrem duas mostras: nos espaços Culturais Vivo e BM&F, a primeira sob a curadoria de Lisbeth Rebollo Gonçalves; a segunda, de Luzia Portinari Greggio.

O Instituto Moreira Salles (São Paulo) apresenta uma produção pouco conhecida do artista na exposição “Os ‘reclames’ de Fulvio Pennacchi: primórdios da propaganda brasileira”, exibindo 58 projetos de cartazes publicitários realizados nas décadas 1920/1930, integrando atualmente o acervo da instituição. A mostra está programada para outros espaços do Instituto (Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Poços de Caldas, Porto Alegre e Curitiba).

Em novembro, em Campos do Jordão, realiza-se o “I Encontro Anual de Artes Visuais”, organizado pela ONG “Ame Campos”. Entre as palestras, duas são dedicadas à obra do artista: “Pennacchi muralista”, e “Pennacchi e a pintura mural no Brasil”, ambas proferidas por Valerio Pennacchi.

2007

É inaugurada a “Praça Fulvio Pennacchi” em Pianacci (Villa Collemandina) pela diligente laboração de Luigi (Pennacchi) Santini que catalisou positivamente a apresentação do projeto junto à Câmara Municipal da cidade. As famílias de Fulvio Pennacchi dei Capitani e Pennacchi dei Notari, foram representadas pelos primos brasileiros dos Pennacchi dei Sargentini. O texto publicado e lido durante a solenidade é de autoria de Valerio Pennacchi dei Notari.

Tem início o registro de obras para o futuro “catálogo raisonné” do artista. A tarefa está sendo executada por Valerio e Giovanna Pennacchi.

Valerio e Giovanna Pennacchi iniciam também a tradução da correspondência entre Fulvio Pennacchi e Filomena dall’Aste Brandolini Matarazzo (Out. 1941 - Maio, 1944), com participação ocasional de Filomena Pennacchi.

Agradecimentos ao Engenheiro Paulo Sproviero, a Giovanna Pennacchi,
Margarida Sant'Anna e Maria Rossi Samora
(Biblioteca Paulo Mendes de Almeida / Centro de Estudos Luís Martins,
Museu de Arte Moderna de São Paulo).